

DIÁLOGOS INCOMUNS: MONTEIRO LOBATO E O ESPIRITISMO

Luís Camargo

Resumo: O livro *Monteiro Lobato e o espiritismo: as sessões espíritas de Monteiro Lobato narradas por ele mesmo*, de Maria José Sette Ribas, publicado em 1972, é a coletânea das atas das sessões realizadas por Lobato entre dezembro de 1943 e março de 1947. Inclui vários paratextos: de J. Herculano Pires, do espírito de Monteiro Lobato, graças ao médium Jorge Rizzini, além de uma apresentação da autora. Este ensaio propõe que esta é uma obra póstuma de Lobato, organizada por Maria José Sette Ribas. Ele aborda diferentes visões de Lobato sobre o espiritismo, a literatura espírita, o gênero literário da obra e defende que lhe seja concedido visto de entrada no campo literário.

Palavras-chave: Monteiro Lobato; espiritismo.

Abstract: The book *Monteiro Lobato e o espiritismo: as sessões espíritas de Monteiro Lobato narradas por ele mesmo*, by Maria José Sette Ribas, published in 1972, is a collection of reports of the séances conducted by Lobato from December 1943 to March 1947. It includes several paratexts: by J. Herculano Pires, by the spirit of Monteiro Lobato, thanks to the medium Jorge Rizzini, in addition to the author's presentation. This essay proposes that this is a posthumous work by Lobato, published by Maria José Sette Ribas. It addresses different visions of Lobato on spiritualism, spirit literature, the literary genre of the work and argues that it should be granted an entry visa in the literary field.

Keywords: Monteiro Lobato; spiritism.

O médium, que é senão uma criatura em quem o sexto sentido está se denunciando? Um dia todos teremos esse sexto sentido – e adeus, sobrenatural! Um dia os compêndios de física trarão o capítulo novo da

metapsíquica, como os compêndios de hoje trazem o capítulo novo da termodinâmica.

Monteiro Lobato (2010: 200)

Para mim [...] nada vale aquela minha coleção de notas por mim mesmo tomadas diante do copo. Não as mostro a ninguém porque ninguém dará o valor que eu dou.

Monteiro Lobato (apud Cavalleiro, 1956, v. 2: 107)

Em 27 de junho de 1909, em Areias, interior de São Paulo, onde era então promotor público, Lobato escreve a seu amigo Godofredo Rangel: “Quanto ao espiritismo, não me preocupo. William Crookes, aquele inglês dos raios catódicos, fez experiências rigorosas e concluiu pela existência duma força mal conhecida que atua de várias formas, e a que ele, por comodidade, dá o nome de força psíquica. Foi do que li o que mais me satisfaz [...]” (2010: 199)

E continua: “Essa força psíquica só agora começa a ser estudada pelos homens de educação científica; antes negavam-na. Outro físico inglês, Oliver Lodge, tem coisas ótimas a respeito, e estuda tais fenômenos com o mesmo rigor com que estuda os fatos físicos.” (2010: 200)

Apesar dessa abertura, Lobato teve acaloradas discussões sobre o assunto com Maria José Sette Ribas (1920?-1981), que começou a corresponder-se com ele ainda menina, quando tinha 8 anos de idade. Segundo Ribas (2004: 25), ela e Lobato “tinham brigas tremendas neste terreno. Ela querendo esclarecê-lo e ele recusando-se, peremptoriamente, a aceitar as suas ideias. Chamava-a supersticiosa, e outras coisas mais, deprimentes. Que só criaturas analfabetas poderiam acreditar nessas fábulas. Que a inteligência da garota deveria impedi-la de crer em tanta baboseira.”

Certo dia, porém, na livraria Brasiliense, na rua Barão de Itapetininga, no centro de São Paulo, Lobato deu-lhe o seguinte depoimento:

Entrando, ontem, em minha casa, depois da briga com você, encontrei minha família reunida, em volta da mesa, “fazendo uma sessão de telepatia”, diziam eles, como divertimento. Minha mulher, Purezinha, Marta, minha filha, e seu marido, J. U. Campos.

Este formulava as perguntas e o copo dava as respostas correspondentes.

Sempre vira eu aquela atividade do grupo, que se divertia com as mensagens recebidas, mas nunca tomei parte.

Naquela noite, porém, tive desejo de dirigir as perguntas. Tomei o bloco e o lápis e iniciei-as.

Minha surpresa foi imensa, pois quem se apresentou, dirigindo-se a mim, foi um grande amigo meu, morto há anos.

Fiz-lhe inúmeras perguntas e ele as respondeu com toda a naturalidade e exatas.

Fiquei estarelecido. Era o Adalgiso Pereira, grande e culto gramático, que revira, outrora, vários trabalhos meus, na rua Formosa, onde éramos vizinhos.

A seguir, vieram outros amigos, dando-me, alegremente, suas mensagens e provando-me, de maneira insofismável, que você, minha filha, estava com a razão, quando me afirmava a imortalidade da alma. Os argumentos de que você não dispunha, para desarmar-me, diante da minha irredutibilidade, eles, com aquela *prova*, indiscutível, de sua presença, convenceram-me, sem sombra de dúvida.”

(Ribas, 2004: 26-27)

Informa Ribas (29) que “infelizmente, o registro da primeira sessão realizada no dia da *revelação da imortalidade* ao Lobato – com seis amigos, mortos, dando-lhe extraordinárias mensagens, através do copo, na roda do alfabeto, que o convenceram de forma absoluta, perdeu-se”.

Segundo J. Herculano Pires, além de Adalgiso Pereira, esses amigos eram “Maneco Lopes, Amadeu Amaral, Arthur Neiva, Martins Fontes e outro cujo nome se perdeu”. (Ribas, 2004: orelha) Essa sessão deve ter ocorrido antes do dia 21 de dezembro de 1943, data da primeira ata conservada.

Monteiro Lobato e o Espiritismo: as sessões espíritas de Monteiro Lobato narradas por ele mesmo, de Maria José Sette Ribas, publicado em 1972, é a coletânea das atas conservadas (muitas se perderam) das sessões realizadas por Lobato entre 21 de dezembro de 1943 e 23 de março de 1947, com uma *Carta-prefácio* de J. Herculano Pires (1914-1979, jornalista, escritor e tradutor espírita), um *Prefácio póstumo a um livro de atas*, pelo espírito de Monteiro Lobato, por meio do médium Jorge Rizzini (autor de *Vida de Monteiro Lobato para Infância e Juventude*, 1953) e de uma apresentação da autora, *As sessões espíritas de Monteiro Lobato*. Trata-se, como se percebe, de uma obra póstuma de Lobato, organizada por Maria José Sette Ribas. Entendimento semelhante tem J. Herculano Pires, para quem essas “atas modestas, despretensiosas” são “uma legítima obra lobatiana”. O objetivo deste ensaio é suscitar a curiosidade pela leitura desse livro que, por suas características incomuns, talvez seja o menos lido dos livros para adultos de Lobato. Suas três edições durante cerca de três décadas por três diferentes editoras (Livraria Allan Kardec Editora, 1972; Nova Luz Editora e Distribuidora Ltda., 1977; Lachâtre, 2004) também sinalizam sua pequena circulação, mesmo no campo espírita.

A literatura espírita é um tema ainda pouco comum no campo literário, mas tem precedentes na dissertação de mestrado de Chinellato (1992), defendida na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, e na dissertação de mestrado e na

tese de doutorado de Rocha (2001 e 2008), defendidas no Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas.

Um gênero incomum

No seu prefácio póstumo, o espírito de Lobato abre um parêntese para afirmar, irreverentemente: “Creio que este é o primeiro livro de atas colocado à venda ao lado de Cervantes, Shakespeare etc.” Parece almejar que fosse lido além do campo espírita, talvez apreciado como literatura.

Para entrar no campo literário, um texto precisa ter seu gênero definido e reconhecido. O passaporte tem prazo de validade: precisa ser validado, de tempos em tempos, pelos críticos, historiadores e outros membros do sistema literário. Basta lembrar os sermões estudados no século XIX. Que sermões são ainda hoje publicados e estudados além daqueles do Padre Antônio Vieira?

As atas de Lobato registram conversas entre ele e várias pessoas mortas, que se comunicavam marcando as letras do alfabeto por meio do movimento de um copo. Antes de definir esse gênero como *diálogo*, passo a palavra ao espírito de Lobato, que explica o processo de comunicação:

Alguns anos antes de meu *passamento* para o País do Além havia eu intensificado as pesquisas sobre o fenômeno espírita considerado o mais primitivo e banal de quantos existem. Armara em minha casa o alfabeto em forma circular e em seu centro colocara um copo. Purezinha era a médium. E provas e mais provas da imortalidade jorraram daquele pequeno copo! Ele corria em direção às letras e formava mensagens curiosíssimas – inclusive dos que haviam passado antes de mim. E Purezinha em algumas sessões tinha os olhos vedados – e o alfabeto eu o colocara sem sequência, a fim de atraparlar os espíritos...

[...]

Todas as ocorrências interessantes verificadas nas sessões com o copo eu as registrava no papel – em atas despretensiosas para uso próprio, fixando a verdade sem enfeites de espécie alguma. E pedi à Marjori [Maria José Sette Ribas] que as datilografasse para o meu arquivo.
(Ribas, 2004: 16-17)

Segundo Costa (2008, p. 80), na linguagem oral, o diálogo é a “forma canônica da interação verbal” e “pressupõe a existência de pelo menos dois interlocutores (o *eu* – *locutor* – e o *tu* – *locutário*), cujos papéis são permanentemente reversíveis, ou seja, é um ato de fala em que há a interação entre dois ou mais indivíduos num intercâmbio discursivo em que ora um ora outro age como protagonista”.

Na linguagem escrita, é o “conjunto de palavras trocadas pelas personagens de um romance, novela, conto, filme, peça de teatro etc.” (Ressalvo que Costa não faz a

distinção entre linguagem oral e linguagem escrita, utilizando no segundo caso o termo *narratologia*.)

Na Antiguidade, o gênero literário *diálogo* era definido como “discurso em prosa que consiste em perguntas e respostas por várias pessoas, cada uma devidamente caracterizada”. (Nikulin, 2006: 9) Ou ainda, “discurso composto por perguntas e respostas sobre um assunto filosófico ou político, com o devido respeito ao caráter dos participantes e à escolha da dicção”. (5) Por *dicção* entende-se a linguagem apropriada a cada participante. Segundo Nikulin (4), não há a menor dúvida de que os exemplos mais brilhantes de diálogo filosófico são os de Platão, “que são, ao mesmo tempo, *a realização mais alta de prosa literária*”. (destaque meu)

O diálogo esteve em voga também no Renascimento (Burke, 1989) e chegou até a um documento fundamental da história do século XX, *Hind Swaraj or Indian Home Rule*, de Mohandas K. Gandhi (1869-1948), em que ele debate sua estratégia não-violenta para a independência da Índia.

Segundo Nikulin (10), o diálogo literário procura imitar a conversa oral “em sua imprevisibilidade e incerteza sobre seu resultado, pois não se pode garantir que os interlocutores chegarão a uma conclusão ou mesmo um acordo”. Essa é uma característica dos diálogos de Lobato.

Catando milho

A escrita de um espírito por meio de um médium – a psicografia – tem várias formas, conforme o tipo de médium. Como esclarece Chinellato (1992: 34):

Médiuns escreventes mecânicos – aqueles cuja mão recebe um impulso involuntário e que nenhuma consciência têm do que escrevem. Muito raros.

Médiuns semimecânicos – aqueles cuja mão se move involuntariamente, mas que têm, instantaneamente, consciência das palavras ou das frases, à medida que escrevem. São os mais comuns.

Médiuns intuitivos – aqueles com quem os Espíritos se comunicam pelo pensamento e cuja mão é conduzida voluntariamente. Diferem dos médiuns inspirados em estes últimos não precisam escrever, ao passo que o médium intuitivo escreve o pensamento que lhe é sugerido instantaneamente sobre um assunto determinado e provocado. São muito comuns, mas também muito sujeitos a erro, por não poderem, muitas vezes, discernir o que provém dos Espíritos e o que deles próprios emana.

Médiuns polígrafos – aqueles cuja escrita muda com o Espírito que se comunica, ou aptos a reproduzir a escrita que o espírito tinha em vida. O primeiro é caso muito vulgar; o segundo, o da identidade da escrita, é mais raro.

No caso das sessões de Lobato, não ocorria propriamente a *psicografia*, mas a *telecinesia*, isto é, o movimento de objetos (no caso, um copo) que não pode ser atribuído a uma causa física conhecida e demonstra intenção, vontade e inteligência, sugerindo uma causa inteligente.

Excluídos os casos de paranoia ou mistificação, um copo que se movimenta indicando letras do alfabeto formando palavras indica intenção, vontade e inteligência. Suscita a dúvida, naturalmente, de que inteligência se trata: se o pensamento de um ou mais dos presentes, se o “inconsciente coletivo”, se um espírito etc.

A favor da última hipótese, cito a sessão de 14 de março de 1944, em que se manifestou o espírito de Adalgiso Pereira, morto em 1918, durante a gripe espanhola. Escreve Lobato, na ata:

Fomos grandes amigos e vizinhos de casa na rua Formosa. Minha sogra, d. Brasília, morava no número 53 e a família Guimarães no nº 51, no nº 49 morava a família Godoy. Adalgiso era pensionista da família Guimarães e, todas as tardes, depois do jantar, saía comigo. Trabalhava nesse tempo na redação do *O Estado de S. Paulo*. Era muito culto e finamente inteligente. Naquela época eu o considerava o mais inteligente de todos os meus amigos e conhecidos. (Ribas, 2004: 37)

De fato, em carta a Rangel, de 22 de abril de 1917, Lobato escreve:

Lidei este ano em São Paulo com a fina flor dos literatos, e me convenci de que, com exceção do Adalgiso, nenhum vale você. O Adalgiso é o único em São Paulo que tem a inteligência que eu quero: como olho de mosca, multifacetada. Inteligência verdadeira me parece aquilo. Muitas outras há lá, mas com menor número de facetas.” (2010: 394)

Mas voltemos àquela sessão do dia 19 de março já citada. Lobato lembra que na rua Formosa havia “um cabaré elegante e muito na moda, de nome Maxim’s” e relata:

Nesse momento pensei em perguntar se lembrava dum pintor de tabuletas que tinha oficina pegada ao Maxim’s, mas, como todos na mesa estivesse tagarelando naquele momento, não formulei, em voz alta, a pergunta – e logo me ocorreu outra, que, essa sim, formulei em voz alta, por me parecer mais interessante. Mas para os espíritos deve ser indiferente que uma pergunta seja pensada ou falada, porque Adalgiso respondeu primeiramente à pergunta pensada, e depois à falada. A pergunta falada foi: ‘Sabe onde está trabalhando seu filho? Se não sabe, quer que eu diga?’ (O filho de Adalgiso trabalha no Laboratório Fontoura.)

A: – Medina e Pettri. Diga-me.

L: – Exatamente. A oficina de pinturas de tabuletas que ficava defronte da nossa casa, na rua Formosa, era da firma MEDINA & PETTRI. A resposta veio certíssima, e o ‘Diga-me’ é, também, resposta à segunda parte da pergunta que formulei em voz alta sobre se ele queria que contasse onde estava trabalhando o filho.”

(Ribas, 2004: 38)

A escrita por meio do copo, como se pode perceber, tem muitas limitações. É o que reconhece J. Herculano Pires: “[...] recursos mediúnicos precários, [...] meios deficientíssimos de comunicação, limitando-se a diálogos telegráficos e muitas vezes frustrados [...]”. No entanto, “Lobato soube tirar, a cada instante, de pormenores aparentemente insignificantes, ilações conclusivas.” (Ribas, 2004: 12) Por isso, “O destino de pioneiro, que marcou a vida de Lobato, se confirma nesta obra póstuma: é este o primeiro livro sobre as ‘sessões de copinho’ que vem a público, e por sinal marcado pela garra lobatiana”. (Ribas, 2004: 10)

Um exemplo de diálogo frustrado é o relatado na sessão de 3 de junho de 1944: “Estivemos meia hora lidando, e o copo não fez o menor movimento. Desistimos.” (Ribas, 2004: 57)

Os “meios deficientíssimos de comunicação” podem atrair interlocutores sem educação (78), grosseiros e sem graça (85), mistificadores (130), perturbadores (135), capadócios (136). Na sessão de 20 de julho de 1944, graças a presença de um médium psicógrafo, Antonio Olavo, obtém-se uma mensagem mais desenvolvida, mas bastante crítica em relação a sessões de copo:

Vocês não têm força para quase nada. Vocês deviam, sim, procurar outro meio de distração. Sim, é verdade. Não se zanguem comigo se sou franco. Vocês não têm força suficiente. Somente d. Purezinha tem algumas qualidades mediúnicas, mas o resto não vale nada. Você, Antonio Olavo, não deve perder tempo em sessões de copo e quejandas ordinárias. [...] Por que [...] submeter-se a essas brincadeiras?” (Ribas, 2004: 98)

Namoros com o espiritismo

Segundo Gilberto Freyre (1981: 167), Lobato “nunca se apresentou como Católico. Chegou, entretanto, a dizer-se ‘espírita científico’”. Maria José Sette Ribas parece acreditar que “a revelação da imortalidade ao Lobato” tenha ocorrido de modo súbito, inesperado, único, num dia determinado, feito uma queda a caminho de Damasco. O espiritismo e afins, no entanto, é um tópico presente nos escritos de Lobato desde a carta de 1909, já citada.

Em 1926, escreve um curto mas brilhante ensaio sobre a história das religiões, intitulado curiosamente *Krishnamurti*, nome de um místico indiano, Jiddu Krishnamurti (1895-1986), que pouco tem a ver com o espiritismo, concluindo: “Assistimos hoje no mundo ao belo fenômeno do choque de uma religião velha com

uma religião nascente, em estado de nebulosa ainda, muito vaga e tateante, mas perfeitamente perceptível em suas linhas gerais. Essa religião nova é o espiritismo.” (Lobato, 2008: 205)

Sobre essa conclusão, não se deve tirar conclusões apressadas, pois, no início do ensaio, Lobato afirma: “As religiões nascem, crescem, esclerosam-se e morrem. É ridículo dizer isto, porque o próprio dos truísmos é se tornarem ridículos à força de evidência”. (2008: 203)

Em 1939, traduz o livro *Raymond*, de sir Oliver Lodge (1851-1940), em que o físico inglês transcreve mensagens do filho, morto durante a primeira guerra mundial, examinando-as como provas da sobrevivência da alma após a morte. Segundo J. Herculano Pires, a coleção de atas de Lobato “[...] assemelha-se muito aos relatos de experiências mediúnicas de sir Oliver Lodge, em seu livro *Raymond*, que o próprio Lobato traduziu para a nossa língua. Sou tentado a dizer que Lodge preparou Lobato para o bom aproveitamento da mediunidade incipiente de dona Purezinha.” (RibaS, 2004: 12)

Em 1944, comenta o livro *Parnaso de Além-túmulo* (1932), primeiro livro psicografado por Chico Xavier (1910-2002), que reúne poemas ditados “por 56 poetas da língua portuguesa, tanto brasileiros como portugueses”. Na reportagem *Monteiro Lobato fala da Academia, dele mesmo e de outros assuntos*, o jornalista carioca Celestino Silveira escreve:

Por fim, até o caso palpitante de Chico Xavier, psicografando as obras de Humberto de Campos, veio ao tabuleiro da discussão. Estamos vendo a fisionomia curiosa de quem nos lê, indagando qual a opinião de Monteiro Lobato sobre as obras psicografadas... Aí vai. O escritor não pertence à categoria dos que dão de ombros com indiferença, e não esconde o seu interesse pelo assunto, antes o estuda, o examina, o dissecar. – “Aqueles versos de Augusto dos Anjos são tudo quanto pode existir de mais Augusto dos Anjos...”

– “Se o homem realmente produziu por conta própria tudo o que vem no Parnaso, então ele pode estar em qualquer academia, ocupando quantas cadeiras quiser...” (Lobato, 2009: 179)

Em 10 de dezembro de 1947, escreve uma carta-prefácio para o livro *Afinal, Quem Somos?*, de Pedro Granja (1909-1969), em que mostra uma visão amargurada da humanidade, tendo em vista os recentes horrores da segunda guerra mundial, mas retoma, com humor, certos pontos de vista, sem perder sua visão crítica sobre a história das religiões:

– MAS, AFINAL, QUEM SOMOS?

Você responde neste livro a esta pergunta, meu caro Pedro Granja, ao mostrar-nos o gigantesco esforço dos espíritas, esses cegos que não se conformam com a cegueira, esses aleijados que tentam apalpar, esses surdos que tentam ouvir, por intermédio dos olhos, do tato e dos ouvidos

interiores da mediunidade. Desse sexto sentido, ou o que seja, que certas criaturas possuem, e por meio do qual tentamos a ligação do passarinho ainda dentro da gaiola com os passarinhos já fora da gaiola, que, livres do estado orgânico, vivem a vida de ondas hertzianas pelo espaço imenso. Ondas hertzianas dotadas de inteligência, consciência e memória... (Lobato, 2009, p. 131)

Esse Deus dos espíritos é um em Allan Kardec, o transformador do cristianismo em espiritismo. Já varia um pouco em Flammarion, o astrônomo que na gravitação das esferas via o desígnio de um Jongleur Supremo. E é outro para a massa dos frequentadores das sessões espíritas, que recebem com sinceríssimos ‘Graças a Deus!’ qualquer coisa inabitual que aconteça. Se numa sessão de ‘fenômenos físicos’ a força do médium faz que a corneta ou o pandeiro fosforescentes se ergam no ar em levitação, o coro de ‘Graças a Deus!’ que sai de todas as bocas é a própria unção vocalizada. (Lobato, 2009: 129)

Em 23 de junho de 1948, doze dias antes de sua morte, o tópico é retomado em carta a Rangel:

Não é impunemente que chegamos aos 66 anos de idade. O que eu tive foi uma demonstração convincente de que estou próximo do fim – foi um aviso – um preparativo. E de agora por diante o que tenho a fazer é arrumar a quitanda para a ‘Grande viagem’, coisa que para mim perdeu a importância depois que aceitei a sobrevivência. Se morrer é apenas ‘passar’ do estado de vivo para o de não vivo, que venha a morte, que será muito bem recebida. (Lobato, 2010: 582)

O leitor pode ser tentado a associar o interesse de Lobato pelo espiritismo à busca por consolo diante da morte dos filhos Guilherme (10 de janeiro de 1938) e Edgard (13 de fevereiro de 1943), mas parece que há mais retalhos nessa colcha, para lembrar um de seus contos.

Leitura incomum

São Pedro foi libertado da prisão em Roma por um anjo – é o que narra um belíssimo afresco de Rafael, no Vaticano. O historiador da arte não precisa acreditar em santos e em anjos para apreciar a pintura. Se o assunto religioso impedisse a entrada no campo da história da arte, muitas obras de Giotto, Leonardo e Michelangelo ficariam de fora. O assunto religioso não impede a inclusão de uma obra no campo da história da arte.

No campo da literatura, Leonel e Zabatiero (2011) – para citar apenas dois autores brasileiros – propõem e demonstram que é possível abordar o discurso religioso sob o ponto de vista literário. Nessa linha de pensamento é que serão analisados os

diálogos de Lobato. Uma das abordagens possíveis é partir das características do gênero, no caso, o diálogo.

Não há diálogo sem interlocutores, sem falas, sem linguagem, sem canal de comunicação, sem assuntos, sem um fio que alinhe esses assuntos, sem o qual o texto não passaria de um conjunto descosturado de frases soltas. Podemos, assim, analisar diálogos a partir dessas categorias. O leitor de romances ou de peças de teatro não se pergunta se os personagens são reais. Não se pergunta se existiu mesmo um Bentinho ou um Brás Cubas e se Ricardo III disse mesmo tudo aquilo que Shakespeare coloca na sua boca. Por falar no poeta inglês, o fato de aparecerem espíritos em *Hamlet* ou em *Macbeth* não impede sua leitura e apreciação por aqueles que não acreditam nesses personagens. Alguém poderia lembrar que o narrador de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* é um espírito, pois não seria verossímil que um cérebro devorado por vermes mantivesse a lucidez do narrador ao longo de todo o romance. A literatura substitui o pacto da veracidade pelo pacto da verossimilhança.

São mais de 80 os interlocutores dos diálogos lobatianos: familiares, como Guilherme e Edgard, filhos de Lobato; Brasília Natividade, sogra de Lobato, e Paulo Natividade, irmão de Purezinha; amigos de Lobato, como Adalgiso Pereira e Maneco Lopes; conhecidos, como Anastácia, ama-seca de Edgard, e William Shuttel, ex-professor de inglês de Lobato; mas, na maior parte, desconhecidos, como um “Luís, corneteiro de batalhão”, em sessão realizada no Hotel Plaza, em Buenos Aires, que, com uma única frase – “Rosalina [a escritora Rosalina Coelho Lisboa] vai ao Rio salvar um soldado” – acabou por mudar o destino de um prisioneiro no Rio de Janeiro. E há apenas um interlocutor “famoso”: Raymond Lodge, já citado.

A maior parte dos diálogos é em português, mas há falas em inglês, espanhol e francês, além de tentativas frustradas em alemão. Os diálogos abordam identidade do interlocutor, morte, situação feliz ou infeliz no além, “vida” no além, conselhos, o processo de comunicação mediúnica, previsões sobre o final da segunda guerra mundial e testes.

Os interlocutores se identificam de várias maneiras, sem uma fórmula fixa, geralmente no início da comunicação. Cito uma delas, que tem algo de “tragédia portuguesa”, parodiando o título de um poema de Bandeira:

Depois de algumas falhas o copo escreveu:
– Cosme Lamego.

Ninguém na roda o conhecia. Perguntei de onde era.
– Quinta dos Olivais.
– Muito bem. Em Portugal, evidentemente. E onde morreu ou passou?
– No xadrez de minha terra.
– Preso?... Por quê? Que é que o levou à cadeia?
– Esfolei um gajo que seduzira minha esposa.”
(Ribas, 2004: 39-40)

O interlocutor identifica-se por detalhes pessoais, conhecidos de poucas pessoas.

Por exemplo, César Varela, cunhado de Purezinha, casado com sua irmã Noêmia:

Pedimos em seguida que dissesse qualquer coisa amável para Noêmia, e o copo escreve:
– Para Noêmia, um beijo do além e um piparote em Gipsy. *And now, dear gang, good night.* (E agora, caro grupo, boa noite.)
Noêmia impressionou-se e lá se foi seriamente abalada, porque a referência a Gipsy, o cachorrinho de César, pareceu-lhe muito identificatória. Nenhum dos presentes sabia da existência desse cachorrinho. E Noêmia lá se foi para Santo Amaro, muito escabriada.
(Ribas, 2004: 36)

Lobato esclarece que “César fora educado em Londres, de modo que sempre falou uma língua muito misturada de inglês. E era ‘telegráfico’, amigo de frases curtas, às vezes resumida em uma só palavra”. (Ribas, 2004: 35)

O vocabulário e a sintaxe são outros elementos identificadores. Por exemplo, Lobato dirige-se a seu filho Guilherme:

Perguntei se podia dar os nossos nomes – e [...] o copo escreveu:
– Walter, Juranda, mamãe, Marta e papai.
Achamos muito interessante o ‘Juranda’, em vez de ‘Jurandir’. Era assim que ele e o Edgar tratavam o Jurandir Campos.
[...]
Acho esta sessão uma das melhores. A personalidade do Guilherme está indiscutível.”
(Ribas, 2004: 140)

A morte é um tema recorrente nos diálogos. Cito dois exemplos, o primeiro, sobre a causa da morte de uma pessoa:

– Pergunte ao Guilherme se sabe por que motivo Alaíde morreu ou matou-se.
O copo [...] escreveu:
– Horrorizada com os irmãos, não desejava filhos, procurando um meio de extirpar o feto já latente.
Estava afinal esclarecido o misterioso caso! Os dois irmãos de Alaíde davam tantos desgostos aos pais, que ela teve medo de pôr no mundo ‘mais um’ – e tomou adalina para abortar. A dose foi excessiva. Fê-la dormir para sempre.”
(RIBAS, 2004: 139)

O segundo exemplo, sobre a recepção no além:

Perguntei [a Guilherme] quem o recebeu, ou quem ele viu aí primeiro, logo que passou:
– Maria de Nicácia.
– E quem mais?

– Menezes (Bezerra de Menezes, ‘o médico do espaço’, que o havia tratado, nas últimas semanas, por intermédio do Moacir, na Lapa.)
 – Diga-lhe que em comunicação anterior eu fiz a mesma pergunta e a resposta foi diferente; ele citou outro nome. Seria uma mistificação?
 – Eram tantos.
 – Pergunte-lhe que nomes pode citar entre esses ‘tantos’.
 – Não prestou atenção, pois sentia-se como uma crisálida.
 Acharmos muito boa a imagem. A sensação de quem acorda na outra vida deve ser a da borboleta ao sair do casulo.”
 (Ribas, 2004: 140)

Lobato pensou em propor alguns testes e chegou a tentá-los, nem sempre bem aceitos pelos interlocutores. Certo Rolland, por exemplo, respondeu:

– *Your questions are so silly...* (Suas perguntas são tão tolas!)
 – Como acha tolas as nossas perguntas, se ainda não fizemos nenhuma?
 – *I know you are going to ask me the silliest question about the book some person will get to abash us.* (Eu sei que você irá fazer a mais tola pergunta acerca do livro que alguém terá em mãos para embaraçar-nos.)
 Acharmos muito interessante isto, porque, antes do copo mover-se, estivéramos a conversar sobre um teste: mandar a Joyce lá para cima, com um livro que ela escolhesse sem nós sabermos; e o espírito devia ler e dizer-nos o nome do livro. Era a isso que a resposta de Rolland se referia, fato indicador de que ele estivera nos ouvindo a conversa antes do copo mover-se.
 (Ribas, 2004: 104-105)

Não é necessário exemplificar todos os assuntos. Esses exemplos parecem suficientes.

Há diálogos que se iniciam por uma saudação e terminam por uma despedida, mas vários iniciam e terminam abruptamente. A estrutura é a de uma conversa de uma roda de amigos em que se salta de um assunto para outro e os interlocutores chegam e se vão de maneira casual.

O livro, por sua vez, tem estrutura de coletânea, semelhante a uma coletânea de contos, crônicas ou poemas, sem a unidade dos capítulos de um romance ou de uma novela. A volta de um mesmo interlocutor, no entanto, permite que um mesmo tema seja retomado e desenvolvido. Destaca-se o interlocutor K, que depois se identifica como Kismet Louvain, que teria vivido durante o reinado de Luís XIV, presente em 22 das 49 sessões. Segundo J. Herculano Pires, “K é uma espécie de fio ligando as contas de um rosário de fatos, ao mesmo tempo emocionantes e pitorescos, que fazem dessas atas modestas, despretensiosas, uma legítima obra lobatiana”. (Ribas, 2004: 13)

Para quem ainda quiser negar visto de entrada a esses diálogos para o campo literário, vale registrar que eles inspiraram uma peça teatral, *Estado Gasoso*, de Mário José Culoto, encenada em 2008. Além disso, segundo J. Herculano Pires, “são atas lobatianas, cheias de humor e transbordantes de inteligência. O reverso das atas

maçudas e ilegíveis do documentário habitual. Sente-se Lobato em cada vírgula, em cada linha”. (Ribas, 2004: orelhas)

TRABALHOS CITADOS

- Burke, Peter. The Renaissance dialogue. *Renaissance Studies*, v. 3, n. 1, p. 1-12, March 1989.
- Cavalheiro, Edgard. *Monteiro Lobato: vida e obra*. 2.ed. revista e aumentada. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.
- Chinellato, Thais Montenegro. *O espírito da paraliteratura: um estudo da obra psicográfica de John Wilmot Rochester*. São Paulo: Editorial Espírita Radhu, 1992.
- Costa, Sérgio Roberto. *Dicionário de gêneros textuais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- Freyre, Gilberto. Monteiro Lobato revisitado. *Ciência e Trópico*, Recife, v.9, n. 2, p. 155-167, jul.-dez., 1981.
- Gandhi, Mohandas K. *Hind Swaraj or Indian Home Rule*. Disponível em: <https://www.mkgandhi.org/ebks/hind_swaraj.pdf >; acesso em 28 jan. 2021.
- Granja, Pedro. *Afinal, quem somos?: de onde viemos e para onde vamos...* Prefácio de Monteiro Lobato. 2.ed. São Paulo: Editora Brasiliense Limitada, 1948.
- Leonel, João; Zabatiero, Júlio Paulo Tavares. *Bíblia, literatura e linguagem*. São Paulo: Paulus, 2011.
- Lobato, Monteiro. *A barca de Gleyre*. São Paulo: Globo, 2010.
- Lobato, Monteiro. *Na antevéspera*. São Paulo: Globo, 2008.
- Lobato, Monteiro. *Prefácios e entrevistas*. São Paulo: Globo, 2009.
- Lodge, sir Oliver. *Raymond*. Tradução de Monteiro Lobato. São Paulo: Sociedade Metapsíquica de São Paulo, 1939. [Biblioteca Monteiro Lobato].
- Lodge, sir Oliver. *Raymond: uma prova da existência da alma*. Tradução de Monteiro Lobato. 3.ed. São Paulo: LAKE, 2012.
- Nikulin, Dmitri. *On dialogue*. Lanham: Lexington Books, 2006.
- Ribas, Maria José Sette. *Monteiro Lobato e o Espiritismo: as sessões espíritas de Monteiro Lobato*. 2.ed. São Paulo: Nova Luz Editora, 1997. [3.000 exemplares]
- Ribas, Maria José Sette. *Monteiro Lobato e o Espiritismo: as sessões espíritas de Monteiro Lobato narradas por ele mesmo*. 3.ed. Bragança Paulista, SP: Lachâtre, 2004. [3.000 exemplares]
- Rocha, Alexandre Caroli. *O Caso Humberto de Campos: autoria literária e mediunidade*. 2009. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas 2008.
- Rocha, Alexandre Caroli. *A Poesia Transcendente de Parnaso Além-túmulo*. 2001. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas 2001.
- Xavier, Chico. *Parnaso de Além-túmulo: poesias mediúnicas*. Edição comemorativa –70 anos: 6/julho/1932 – 6/julho/2002. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2002.

Luís Camargo é escritor, ilustrador e tradutor de livros infantis. Publicou, entre outros, *Maneco Caneco Chapéu de Funil* (1980), *O cata-vento e o ventilador* (1986) e *Ilustração do livro infantil* (1995). É Doutor em Teoria e História Literária pela Unicamp. Trabalhou durante 15 anos como editor de livros para crianças e jovens. É um dos autores das obras *Monteiro Lobato, livro a livro, obra infantil* (2008) e *Monteiro Lobato, livro a livro, obra adulta* (2014).

Artigo recebido em 28/01/2021. Aprovado em 26/02/2021.